



2018

ISSN: 2359-6597

## RESOLUÇÃO DA XV APORIA DO LIVRO 'B' DA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES: SE OS PRINCÍPIOS SÃO UNIVERSAIS OU SINGULARES

Jonas Gabriel Vilela Santos\*  
Filipe Gomes Freitas\*\*

**Resumo:** O presente trabalho é um ensaio analítico do problema dos universais proposto na obra *Metafísica* de Aristóteles. Tomando como objeto o conteúdo aporético da XV questão do Livro B da referida obra, buscar-se-á apresentar uma possível solução para esta aporia<sup>1</sup>. Primeiramente realizaremos uma exposição axiomática do problema. Em seguida, reconstituiremos a gênese metafísica da aporia. Pretendemos, ainda, desenvolver uma explanação sobre a relevância deste problema para o sistema de investigação 'ousiológico' de Aristóteles, e, finalmente, proporemos uma solução para o paradoxal problema dos princípios.

**Palavras-chave:** Aristóteles. Metafísica. Aporia. Universais.

### Considerações iniciais

O terceiro livro do conjunto bíblico da *Metafísica*<sup>2</sup>, Livro *βετα*, situa-se no eixo metodológico dos estudos referentes ao próprio sistema metafísico de Aristóteles. Juntamente com o Livro *Δ*, que define trinta significados filosóficos, válidos como léxico terminológico para toda a obra, e também com Livro *A*, o qual introduz as primeiras indagações sobre uma ciência das causas ulteriores e a apreciação dos filósofos predecessores, o livro em questão contém, capitularmente divididos, quinze problemas de núcleo metafísico, os quais o Estagirita enumera num capítulo preambular e desenvolve nos demais, sempre estabelecendo

\* Acadêmico do 6º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: [gabrielvilela.s@outlook.com](mailto:gabrielvilela.s@outlook.com)

\*\* Acadêmico do 8º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: [filipe.sh.freitas@gmail.com](mailto:filipe.sh.freitas@gmail.com)

<sup>1</sup>“(gr. ἀρκόπια; in. Aporia; fr. Aporie, ai. Aporie, it. Aporia). Esse termo é usado no sentido de dúvida racional, isto é, de dificuldade inerente a um raciocínio, e não no de estado subjetivo de incerteza. É, portanto, a dúvida objetiva, a dificuldade efetiva de um raciocínio ou da conclusão a que leva um raciocínio. P. ex., "As A. de Zenão de Eléia sobre o movimento", "As A. do infinito", etc.” (ABBAGNANO, 2007, p. 75)

<sup>2</sup> *TA META TA ΦΙΣΙΚΑ*.

uma reflexão dialética entre a opinião dos filósofos platônicos e a dos naturalistas. Estas problemáticas apresentadas são temas regentes de toda a obra, perpassando, cada qual segundo seu tema, todo o conjunto bíblico.

Dentre estas quinze aporias, o presente ensaio elege a última delas para analisar sua natureza e estrutura paradoxal e, por conseguinte, dar-lhe uma possível sugestão de solução. Sob a orientação de Reale ao escrever, comentando o presente livro: “[...] tanto mais adequada é a solução de um problema quanto maior é a consciência dele” (2013, p. 129), desenvolver-se-á neste ensaio respectivamente: uma exposição axiomática do problema; a reconstrução de sua gênese metafísica, ou seja, que discussão levantada por Aristóteles gera a presente aporia; uma explanação de sua relevância para o sistema de investigação ‘ousiológico’<sup>3</sup> de Aristóteles; e, por fim, a argumentação heurística.

## 1 Introdução à XV aporia

Estes são [13º e 14º problemas], portanto, os problemas relativos aos princípios que precisamos discutir, e também esse outro: se os princípios são universais ou se existem ao modo dos indivíduos (ARISTÓTELES, 2013, p. 125).

Aristóteles no nº 10 da secção 1003a<sup>4</sup> de sua *Metafísica*, desenvolve as condições sob as quais se estabelece o supradito problema. Afirma ele que, se os princípios dos seres são universais, ou seja, formas abstratas (*εἰδός*), não podem ser substâncias, pois a substância é o que determina uma coisa e os atributos universais que se predicam de quaisquer seres apenas definem a espécie desses. Exemplifica o Estagirita:

Se admitíssemos que o predicado universal é algo determinado e se o postulássemos como existente separado, Sócrates viria a ser muitos seres vivos: seria ele mesmo, seria o homem e seria o animal, dado que cada um desses predicados exprime algo determinado (ARISTÓTELES, 2013, p. 127).

Aristóteles conclui que, sendo Sócrates o universal entre os diversos seres, esta unidade, se hipoteticamente assumida como princípio, daria a inferir que todos os seres quanto puderem receber este predicado são seres definidos em si, o que não é verdade, na

---

<sup>3</sup> Ciência do ‘ser enquanto ser’, considerado como substância (*σίνολον*). “A substância concreta não é dividida em dois componentes distintos, a saber, a matéria e a forma em atualidade, ou em instanciações de propriedades (universais ou tropos), vinculadas entre si por uma relação. A substância concreta é, antes, a forma em atualidade, tendo assimilado ao conjunto todos os demais componentes por reidentificação.” (SCALTSAS apud ZILLIG, 2009, p. 3).

<sup>4</sup> Preferiu-se referenciar os parágrafos específicos da obra em análise utilizando o método de Immanuel Becker (), empregado por Reale em sua edição e tradução da *Metafísica*.

medida em que existe sempre um sujeito comum a homem e a animal. Este sujeito não pode ser ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, homem e animal, sendo para cada um, um ser diferente e determinado.

Por exemplo, os termos 'animal' e 'homem' só são seres do universal 'Sócrates' enquanto 'Sócrates' exprime uma mesma *ουσια* (coisa), definida pelos predicados animal e homem, não sendo animal em si, nem homem em si. Do contrário teríamos a absurda noção de haver um 'Sócrates-animal' e um 'Sócrates-homem', como espécies diferentes.

Ao contrário, se os princípios dos seres não são universais, mas individuais e, portanto, particulares, não haveria a possibilidade de conhecê-los, pois o conhecimento que gera o intelecto é uma abstração de razões universais nos seres, o que não procede, dada a realidade fática de que conhecemos as coisas que observamos particularmente, porque delas abstraímos 'noções universais' como princípios. A exemplo: se entre 'homem' e 'lebre' se conhecesse por abstração a noção de animal, que é um gênero (universal), caso o princípio da existência destes seres fosse ser absolutamente 'homem' e absolutamente 'lebre', sem um princípio universal entre eles, logo nunca conheceríamos esses entes em suas qualidades determinantes, ao passo que se cada coisa tem seu próprio princípio existencial absoluto, como se explicaria a diferença entre os seres? Como diz o próprio Aristóteles: "[...] deveria haver outros princípios anteriores aos princípios, ou seja, os princípios que se predicam universalmente dos princípios particulares [individuais]" (2013, p. 127).

Em simples exposição, este é o paradoxo com o qual se deparará o leitor na XV aporia. Ou se admite que os princípios ontológicos das coisas são, separadamente, seus universais, assumindo assim múltiplas substâncias de número tão grande quanto se puder afirmar um predicado novo, o que não procede, pois os universais não existem separadamente; ou se admitem princípios individuais (particulares), o que também resulta um absurdo, pois ao passo que cada ser é seu próprio princípio, sem comungar uma identidade com outrem, nada se poderia conhecer das coisas, senão que existem enquanto estas ou aquelas coisas. Em suma, trata-se de um problema de investigação do princípio em vista da unidade ontológica dos seres.

## **2 Gênese da XV aporia**

As origens da XV aporia do Livro *B* estão especialmente situadas nas discussões do Livro *Z*, nos capítulos 13, 14, 15 e no Livro *M*, capítulo 10, como indica Reale (2005, p. 131). Entretanto, a problemática já se delineia a partir do capítulo 12 do Livro *Z*, onde Aristóteles já

investiga a 'razão da unidade da definição', e define que a unidade da definição se dá nas diferenças divididas corretamente segundo a última diferença em análise (Z10, 1038<sup>b</sup> 30).

Assim se lê:

Pois bem, se o gênero não pode absolutamente existir fora de suas espécies ou se, caso exista, existe como matéria das espécies (de fato, a voz é gênero e matéria, as diferenças formam, a partir dela, as espécies e as letras), então é claro que a definição é a noção constituída pelas diferenças (ARISTÓTELES, 2013, p. 343).

É evidente que Aristóteles aí encaminha uma crítica à existência separada e *per se* dos universais platônicos<sup>5</sup> e aponta para a direção da totalidade da multiplicidade como caminho para a distinção e definição do ser. Entretanto, essa totalidade, ou 'noção de todo' é uma substância (Z10, 1035<sup>a</sup> 30-1035<sup>b</sup> 10), daí que, em seguida, Aristóteles se encarrega de, no capítulo 12, sendo a substância uma totalidade, enquanto noção e não enquanto soma (tudo), provar que o universal não pode ser uma substância. Para tal, o Estagirita enumera oito arguições: 'a) A substância de cada indivíduo é própria de cada um; de modo contrário, o universal é comum aos múltiplos, portanto, não pode ser substância (Z13, 1038<sup>b</sup> 5-10). Aqui Aristóteles refuta diretamente a ontologia de Parmênides, pois, dado que o universal se diz em todos os múltiplos como o comum, se este for substância de uma coisa, as demais se reduzirão a esta, sendo todas uma coisa só; b) substâncias não são predicáveis de outro substrato; os universais são sempre predicados, exigindo, logicamente, que haja algo determinante, mas não determinado (Z13, 1038<sup>b</sup> 15); c) ainda que um universal se encontre na essência de um ser por definição, esta será substância de alguma coisa própria; como animal aplicado como substância sempre de todo animal que esteja dado em espécie (Z13, 1038<sup>b</sup> 20); d) é impossível que um ser determinado não derive de outro ser determinado como substância, ao invés disso, apenas como qualidade deste ser. O que encerra Aristóteles é que as afecções não podem derivar a substância, exemplo: de homem pode derivar o homem branco, mas nunca do branco o homem branco, pois branco é atributo (Z13 1038<sup>b</sup> 25); e) se, hipoteticamente, segue o supradito, em toda substância básica deveria haver outra substância, de modo que se tornaria uma substância constituída de duas (Z13 1038<sup>b</sup> 25); f) se um dado sujeito é substância, nenhuma de suas partes predicadas pode ser substância, tampouco existir separadas dela. Só há gênero identificável nas espécies (Z13 1038<sup>b</sup> 30); g) Dado que nada

---

<sup>5</sup> Para Platão os universais são as ideias. "As Ideias não são simples conceitos ou representações puramente mentais. Não são simples pensamentos, mas aquilo que o pensamento pensa quando liberto do sensível. Quando fala das ideias, Platão refere-se aos conteúdos objetivos de nossos conceitos universais. São o verdadeiro ser. São as essências objetivas. Aquilo que faz com que cada coisa seja aquilo que é. São em si e por si" (NODARI, 2004, p. 363).

predicado em comum exprime qualquer coisa determinada, mas apenas a espécie, ter-se-ia de admitir uma terceira substância. Exemplo: além de homem-preto e homem-branco, teria de haver o homem-homem (*Z* 13, 1038<sup>b</sup> 35); h) Duas coisas em ato não podem constituir unidade. Se a substância é uma unidade, não poderá ser constituída de outras substâncias também unas (*Z* 13, 1039<sup>a</sup> 5)' (ARISTÓTELES, 2013, p. 345-349).

As oito teses em favor da negação do universal como substância resumem, em um axioma simples, a ideia basilar para o desenrolar do capítulo 14, também pertinente a esta investigação: 'todo universal sempre se predica de um próprio determinado e particular, não podendo existir separado dele'.

No capítulo 14, o argumento se dirige à crítica das ideias dos platônicos, as quais assumem o universal como substância. Entendem eles que as formas derivam dos gêneros e estes seriam substâncias. Deste modo, Aristóteles crítica que o gênero, como universal, seja uno e idêntico em todos os seres podendo existir separadamente:

(a) Suponhamos, portanto, que o animal seja um só e idêntico tanto no cavalo como no homem, como tu és idêntico contigo. Pois bem, como ele poderá permanecer um em entes separados, e por que esse animal deve participar tanto do bípede como do polípede, segue-se uma consequência absurda: a um mesmo ente, que é uno e determinado, convirão atributos contrários. E se excluirmos que o animal participe do bípede e do polípede, de que modo dever-se-á entender a afirmação de que o animal é bípede ou dotado de pés? Será animal bípede ou polípede por justaposição, ou por contato ou por mistura? Tudo isso é absurdo! (ARISTÓTELES, 2013, p.351).

Assim, Aristóteles termina por afirmar que tais ideias não podem ser substância de outras coisas (*Z* 14, 1039<sup>b</sup> 15). Encerrando a senda que ajuda a delinear o cenário metafísico do problema no Livro *Z*, deve-se resumir o capítulo 15. Neste texto, Aristóteles explicita a indefinibilidade do *sinolon* bem como da forma. Ambos são significados da substância; o primeiro, sujeito à geração e à corrupção, contingente e potencial, não podendo, portanto, ser definido. O ser do *sinolon* está na condição de devir, sendo, ou deixando de ser sob dado aspecto. Esta corruptibilidade impede que a definição, como procedimento científico, se dê, pois, a ciência não pode ser ao mesmo tempo, ciência e ignorância (*Z* 13, 1039<sup>b</sup> 30-35).

Esta indefinibilidade também se aplica a substância dita enquanto forma (*ειδος*):

Mas também não é possível definir qualquer ideia, porque a ideia, como sustentam alguns, é uma realidade individual e separada. De fato, é necessário que a definição conste de nomes, e quem define não poderá cunhar novos nomes, porque, nesse caso, a definição ficaria incompreensível; mas os termos corretos são comuns a todas as coisas e, portanto, é necessário que esses se apliquem também a outro <além da coisa definida> (ARISTÓTELES, 2013, p. 355).

Assim, Aristóteles já delinea o escopo do problema da XV aporia resolvendo a natureza desse princípio (formal) como indefinível, por conseguinte, indemonstrável e impassível de ciência nas dimensões categoriais; com exceção da primeira delas, a substância enquanto substrato.

Por fim, a última secção na qual se pode encontrar uma apreciação à presente aporia é o 10º capítulo do Livro *M*. O capítulo segue a discussão sobre a exposição dos princípios e das ideias das coisas; nos números 1 e 2, em que desenvolve as hipóteses da não existência de substâncias universais e da exclusiva existência como particulares, Aristóteles repete o paradoxo posto pelas duas condições nos livros anteriores. Se a substância não existir separada em um universal, assim como existem os particulares, não faz sentido discuti-la enquanto princípio; se existe, como entender os elementos e seus princípios? (*M*10, 1086<sup>b</sup> 15). Todavia, se a substância for particular, o número de entes seria tanto quantos são os elementos, e estes seriam incognoscíveis (*M*10, 1086<sup>b</sup> 20); exemplifica Aristóteles:

( $\alpha$ ) Digamos, por exemplo, que as sílabas de uma palavra sejam substância e que as letras dessas sílabas sejam elementos das substâncias. Então, necessariamente haverá uma única sílaba BA e cada uma das outras sílabas deverá ser única, dado que elas não são universais e idênticas só pela espécie, mas cada uma delas é numericamente uma e é uma substância determinada, não uma classe de coisas designadas com o mesmo nome (2013, p. 653).

Ainda, em favor do delineamento do problema, o Estagirita, segue no inciso ( $\beta$ ) e no artigo (b) citando a hipótese de a substância ser universal; neste caso, tudo quanto derivar da substância, enquanto universal, será substância ou o que não é substância terá de ser anterior a ela. Do mesmo modo, se os princípios e os elementos primordiais forem universais, não podendo de modo algum a substância ser universal, ter-se-ia de admitir que os elementos são anteriores à substância de que são elementos (*M*10, 1086<sup>b</sup> 15).

Apesar do teor paradoxal desta última impossibilidade ontológica, o problema anterior que Aristóteles elenca, sobre a incognoscibilidade da substância enquanto indivíduo, parece tomar maior importância, sugerindo que um braço do dilema já esteja resolvido: 'a substância não pode ser universal', restando analisar como ela poderia, sendo individual, ser passível de ciência:

Que toda ciência seja do universal, e que, conseqüentemente, também os princípios dos seres devam ser universais e não substâncias separadas, é problema que apresenta dificuldades maiores do que os outros já tratados (ARISTÓTELES, 2013, p. 653).

## 2.1 Localização do problema no sistema metafísico de Aristóteles

O problema da XV aporia, do Livro  $\beta$ , situa-se na reflexão sobre o conceito central da investigação do ser enquanto ser como ciência ontológica, a substância. Aristóteles define no Livro  $\Gamma$ , que a natureza desta ciência do ser enquanto ser é investigar aquilo sobre o qual se predica o ser como fundamento em si. Este fundamento não pode supor possibilidade de contradição, mas é onde se dá a contrariedade entre suas propriedades. Aristóteles o enumera no Livro  $E$ , juntamente com outras nove categorias: 'qualidade, quantidade, relação, ação, paixão, espaço, tempo, ter e fazer'. O Filósofo esquadrinha a tipologia das categorias, enquanto ditas substâncias, em busca da mais ulterior e determinante dentre elas; a explicitada como tal é o 'substrato'. O substrato é donde derivam as predicções e universais de todo ser; pois mesmo que se diga de um universal, ou de uma categoria como o espaço, ser substância, este sempre se entenderá como 'substância de', estando aí a abertura para a discussão metafísica como ciência teórica do ser enquanto sujeito de tudo quanto se pode definir.

Nesta definição de ciência, ou investigação do substrato, entende Aristóteles que este é, na ordem ontológica, uma essência principal, não demonstrável. Ainda na ordem do substrato, no Livro  $H$ , lê-se que o este substrato pode ser dito enquanto 'forma', 'matéria', ou composto de 'matéria e forma'. Por excelência, o substrato é o composto; de nada provém a forma, nem a matéria, entretanto estas não existem separadas, pois se assim fosse, teriam de ser ditas substância de algo, ora, as substâncias primeiras não são predicáveis. Portanto, a discussão sobre o substrato versa sobre o composto de matéria e forma. É neste âmbito que o paradoxo se põe. Se, como se lê em ( $\Delta$  8, 1017<sup>b</sup> 20), o substrato é um princípio da essência do ser cuja noção o define, onde estaria esse princípio substancial? Situado em que ser? No indivíduo ou no universal?

Torna-se relevante esta indagação ao passo que a determinação do princípio universal implica o entendimento da causa da noção de unidade nos seres equívocos. Portanto, resolver a aporia do princípio dos seres é solucionar o problema da possibilidade, ou não, de univocidade na essência do ser.

### 3 Possível solução da presente aporia

Como já explanado, tanto a gênese quanto a própria estrutura da aporia são complexas e, como escreve Aristóteles, não tendo solução simples, sendo esta, da mesma forma, complexa e aspectual.

Primeiramente é mister definir qual a natureza de um ente universal e de um ente individual e o que é um princípio substancial.

Por ente universal deve-se entender tudo o que se diz em comum nos seres e que lhes atribui uma definição essencial. Esta definição essencial refere-se ao gênero que é princípio de geração de uma qualidade de ser. Ainda que formal e abstrato, o gênero só é dito enquanto gênero de algo existente de modo mais determinado *in quid* (em que), e ao se reportar inversamente diz-se, gênero de uma coleção de seres (PORFÍRIO, 1965, p. 37). Já aqui se observa que gênero é um princípio de geração que, abstratamente falando, define o movimento do ser específico, mas não delineando a totalidade da determinação que está nas categorias como diferenças *in quali*. O gênero, em si, não voca a nenhum ser, se não uma comunidade (PORFÍRIO, 1965, p. 41), portanto, ele está na ordem da 'ideia'. Pode-se afirmar que o gênero é uma noção de unidade indeterminada, um todo, mas não em ato, como o substrato. Lembre-se do axioma sintetizado no título anterior: 'todo universal sempre se predica de um próprio determinado e particular não podendo existir separado dele'.

Um ente individual é o ser que em suas diferenças próprias não pode ser igual, ou ter ideia de igualdade sob o mesmo aspecto com um outro. A essência desse ser é algo determinado e finito na matéria que o constitui. Pode-se dizer ser "aquilo que se predica de um só" (PORFÍRIO, 1965, p. 57), exemplo: o único filho de João, nascido em 10 de novembro de 1999, às 13h em Santa Maria, RS, é Paulo. Vê-se que sob o mesmo aspecto não pode haver um outro filho de João nascido na mesma data, hora e local, isso se deve ao fato de que o indivíduo possui uma essência definida por suas categorias (propriedades) e acidentes, é um *in quid per accidens*. Os acidentes, como se sabe, não têm causa determinada e se dão apenas na matéria; portanto, é uma essência definida pela totalidade potencial da particularidade material. Pode-se afirmar que é no indivíduo que se dão os movimentos de geração e corrupção, deslocamento, alteração e crescimento (BARNES, 1999, p. 81-82).

Por fim, a definição de princípio. Este conceito se diz de tudo o que possibilita o movimento, não sendo ele mesmo absolutamente móvel, ou seja, potencial. É o ato inicial do qual deriva a essência ulterior do ser. Também se pode dizer do princípio ser o ponto de partida para o conhecimento de algo, a exemplo: as premissas são princípios das

demonstrações ( $\Delta$  1, 1013<sup>a</sup> 15). Aristóteles, no livro dos significados, expõe ainda mais quatro significados distintos, contudo, conclui:

Portanto, é comum a todos os significados de princípio o fato de ser o primeiro termo a partir do qual é ou é gerado ou conhecido. Desses princípios, alguns são inerentes à coisa, outros são externos. Por isso são princípios a natureza, o elemento, o pensamento, o querer, a substância e o fim (ARISTÓTELES, 2005, p. 191).

O grande problema posto é que se o princípio é universal, haverá infinitos seres universais em si. O que não procede, pois, o universal não pode ser substância. Se o princípio é individual (particular), não haveria possibilidade de conhecimento sobre a essência dos seres.

Deve-se entender que o primeiro intento é cabalmente inválido. Pois o universal não pode ser substância, do contrário não se explicariam as diferenças. Resta, então, o segundo 'braço' do dilema, a incognoscibilidade de um princípio particular. Deve-se entender que um princípio é sempre um ato, já o conhecimento dos universais se dá em potência, pois os universais são indeterminados. O indivíduo, não. O conhecimento do indivíduo é em ato, determinado e inalterável. Portanto, deve-se dizer que o que se conhece está, de certa forma, supondo, *in quid est* (em que algo é). Este 'em que' é o ato principal do ser, que, sendo determinado, tem de ser o composto de material e forma, constatável, o indivíduo. Portanto, o princípio é individual, e isso se constata ao conhecer os universais *ad posteriori*, sempre tendo por fundamento um pressuposto determinado, o qual, de certa forma, contém a potência de ser conhecido com atributos universais. Gnosiologicamente, o princípio é individual; epistemologicamente, não faz sentido a aporia, pois, o princípio do indivíduo é indemonstrável (não categorial); e ontologicamente, o indeterminado do ser – o universal – está potencialmente contido no determinado que é o indivíduo.

Assim, dá-se uma possibilidade de solução para a XV aporia, concluindo, sob esta abordagem, que o problema ulterior não versa sobre a ontologia do princípio, mas sobre as condições de cognoscibilidade dos seres enquanto o princípio se dá no *sinolon*, composto individual de matéria e forma; e por via de noção, a essência (enquanto princípio) está na forma.

## Referências

- ARISTÓTELES. **Metafísica**: Aristóteles; ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. (Trad) Marcelo Perine. Edições Loyola, vol 3, 2013;
- BARNES, Jonathan. **Aristóteles**. Ediciones Cátedra, 3 ed, 1999;
- NODARI, Paulo César. A doutrina das ideias em Platão. **Síntese – Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, n. 101, v. 31, p. 359-374, 2004;
- PORFÍRIO. **“Isagoge”** (Introdução às “CATEGORIAS” de Aristóteles. Editora Matese, 1 ed, 1965;
- REALE, Giovanni. **Metafísica**: Aristóteles; ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. (Trad) Marcelo Perine. Edições Loyola, vol. 1, 2013;
- \_\_\_\_\_. **Metafísica**: Aristóteles; ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. (Trad) Marcelo Perine. Edições Loyola, vol 2, 2013;
- \_\_\_\_\_; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: filosofia pagã antiga, v. 1. São Paulo: Paulus, 2003;
- ZILLIG, Raphael. A ciência do ser enquanto ser e o estudo da substância (*Metafísica* Γ e Z). *Journal of Ancient Philosophy*, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 1, v. 3, p. 1-19, abr./2009.